



LÓGICA E LINGUAGEM: A QUESTÃO DA IMPLICAÇÃO A PARTIR DA LÓGICA ESTOICA E OUTRAS PERSPECTIVAS

Leandro Sousa Costa¹

Vou esboçar, nas seguintes linhas, um breve comentário que se constitui como notas de pesquisa. Tais apontamentos marcam o movimento que tenho feito, nas pesquisas desenvolvidas por mim, nos últimos tempos, e que estão nucleados na lógica e na filosofia da linguagem, especificamente aquelas lógicas desenvolvidas na baixa Idade Média e nos primeiros anos do século XX. A partir disso, proponho um estudo comparativo que aproxima ambas as perspectivas no intuito de perceber pontos de convergência, ruptura e suplementação de teorias. Não quero, aqui, verticalizar nenhuma dessas questões, tampouco vou indicar os autores que elenco para desenvolver a pesquisa que me refiro acima. Não é o propósito dessas notas. Contudo, quero fazer um destaque para o problema da implicação material. Vou apresentar, a partir disso, algumas considerações a respeito dessa questão na lógica estoica.

Antes, porém, e dentro dessa problemática, quero registrar uma hipótese que me parece bastante interessante, qual seja, Frege é, reconhecidamente, no âmbito da lógica, o filósofo que tratou da lógica aristotélica e da lógica estoica, a partir do seu programa logicista, por meio de um simbolismo lógico. Coloco isso de forma bastante genérica. Esse trabalho modifica profundamente o panorama (trabalho) filosófico europeu – no século XIX –, de modo que é possível falar da fundação de nova perspectiva filosófica, a filosofia analítica. Todavia, encontrei, nos *caminhos* que tenho percorrido, um autor que, na minha leitura, antecipa esse trabalho fregeano de consideração de ambas as lógicas, ele se chama Guilherme de Ockham e faz isso a partir de uma discussão das *consequentiae*, ou implicação, na sua filosofia.

¹ Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Professor do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Paraná. E-mail: leandro_kallas@hotmail.com

Dito isso, passo para aquilo que é específico dessas breves notas. A discussão sobre a verdade de uma implicação (ou de um condicional) na lógica é antiga. Desde a Grécia do século III a. C com Diodoro Cronos e Philo de Megara é possível verificar uma preocupação com essa problemática. Destaco que os estoicos, ao colocar a questão da implicação material em pauta – talvez até como o primeiro expediente do programa investigativo – indicam que ela é um fator preponderante para a compreensão do *kosmos*.

A proposição é um enunciado acerca da realidade. Relacionar proposições nos permite conhecer as relações entre fatos do mundo e, conseqüentemente, conhece-lo. A questão surge quando observamos a estrutura de um dos casos da implicação e notamos que ela é falsa se, e somente se, o seu antecedente é verdadeiro e o seu conseqüente é falso. Temos, então, a seguinte disposição dos valores de verdade: Se: P assume o valor de verdade V e Q assume o valor de verdade F, então $P \Rightarrow Q$ assume o valor de verdade F. Isso decorre do entendimento dos lógicos da relação de necessidade e contingência das proposições envolvidas. Temos, pois, a seguinte disposição: o antecedente de uma implicação material é contingente ao passo que o conseqüente é necessário. Por exemplo, na implicação “Se neva, então faz frio”, de estrutura $P \Rightarrow Q$, em que P corresponde a “neva” e Q corresponde a “faz frio”, a proposição Q é necessária, enquanto que a proposição P é contingente. Isso quer dizer que “Fazer frio” poderia ser conseqüência de outro fenômeno que não a neve; poderia ser “Se chove, então faz frio”, ou “Se está nublado, então faz frio”, ou “Se o sol se põe, então faz frio”. Os lógicos estoicos, ao admitirem isso, assumem a postura de que, na ordem natural das coisas, outras causas podem determinar o curso dos acontecimentos, além daqueles que julgamos conhecer. Outrossim, a falsidade do conseqüente, inviabilizaria a verdade de uma implicação material.

É no contexto da concepção de mundo dos estoicos, isto é, da sua ontologia, que surge essa concepção na lógica proposicional desenvolvida por eles e que vai estabelecer os pressupostos para outras discussões na lógica a partir do século XIX. A meu ver é possível considerar que Ockham e Frege são dois importantes autores, dentro da tradição filosófica europeia, para a lógica e a para filosofia da linguagem, no sentido de que eles são marcos teóricos; ambos, ao lidar com o problema da implicação material, de algum modo, estabelecem importantes perspectivas dentro dessas áreas. Está, pois, preparado o caminho para o aperfeiçoamento da lógica simbólica clássica, bem como das lógicas alternativas e ampliadas.